



3 1761 06184682 0







EMPRESA EDITORA "LUMEN"



CRAVOS DE PAPEL

- Cristalizações da Morte*, 1884. 1 vol.  
*Canções d'Abril*, 1884. 1 vol.  
*Jesus de Nazareth* 1885. 1 vol.  
*Per umbram*, 1887. 1 vol.  
*Horas tristes*, 1888. 1 vol.  
*Oaristos*, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900. 1 vol.  
*Horas*, 1.ª edição 1891; 2.ª edição, 1912. 1 vol.  
*Silva*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911. 1 vol.  
*Internulio*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911. 1 vol.  
*Belkiss*, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910. 1 vol.  
*Tiresias*, 1894. 1 vol.  
*Sagramor*, 1895. 1 vol.  
*Salomé e outros poemas*, 1.ª edição, 1896; 2.ª edição, 1911. 1 vol.  
*A Nereide de Harlem*, 1896. 1 vol.  
*O Rei Galaor*, 1897. 1 vol.  
*Saüdades do Céu*, 1899. 1 vol.  
*Constança*, 1900. 1 vol.  
*Depois da Ceifa*, 1901. 1 vol.  
*Poesias escolhidas*, 1902. 1 vol.  
*A Sombra do Quadrante*, 1906. 1 vol.  
*O Anel de Policrates*, 1907. 1 vol.  
*A Fonte do Sátiro e outros poemas*, 1908.  
*Poesias de Goethe*, 1909.  
*O Filho Pródigo*, 1910.  
*O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis*, 1916.  
*Camafews Romanos*, 1921.  
*A Tentação de São Macário*, 1922.  
*Canções desta negra vida*, 1922.

*No prelo :*

- A Mantilha de medronhos.*  
*Descendo a encosta.*  
*A Caixinha das cem conchas.*  
*Chamas duma candeia velha.*



# CRAVOS DE PAPEL

FOR

EUGENIO DE CASTRO

« LVMEN »

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

LISBOA — PORTO — COIMBRA

—  
1922



Composto e impresso nas oficinas da "LVMEN,,  
R. Ferreira Borges, 103 a 111 — Coimbra

*Desta edição fez-se uma tiragem especial de quinze exemplares numerados, sendo dez em papel Whatman (n.ºs 1 a 10), e cinco em papel Ingres (n.ºs 11 a 15), todos rubricados pelo autor.*





A MEUS IRMÃOS  
MARIA LUISA, AIRES, EUGENIA,  
LUIS E ERMELINDA  
E  
A MEMORIA  
DE MEUS IRMÃOS FREDERICO E AFONSO  
E DA MINHA GEMEA,  
QUE,  
MORRENDO AO NASCER,  
NÃO CHEGOU A TER NOME NA TERRA,  
CONSAGRO  
ESTES VERSOS FEITOS EM HONRA E LOUVOR  
DA  
NOSSA LINDA PÁTRIA DOLORIDA E RISONHA.  
E. DE C.



*Cravos de papel, com trovas,  
Sois portugueses de lei:  
Viajando por longes terras,  
Nunca por lá vos topei.*





## O CRAVO DE PAPEL

Cravo de papel de sêda,  
Com delgado pé de arame,  
Nenhuma abelha o beijou  
Fugida do alado enxame.

Fina serrilha acairela  
Suas pétalas de lume :  
Vermelho, p'la côr, engana,  
Mas, falso, não tem perfume.

Feito por mão feminina,  
Quem o fez com tal primor,  
Talvez nêle se pintasse,  
Dizendo amar sem amor...

Á laia de bandeirola,  
Ostenta, acordando fados,  
Uma quadrinha com versos  
Cheios d'amor, mas errados.

Nêsse traje, a arder se vê  
Em ardente romaria.  
Um Manoel o compra e of'rece  
Á sua noiva, Maria.

Mas a mãe da noiva observa  
Em seu materno temor :  
— « Quem um cravo falso dá,  
« Dá decerto um falso amor ! »

Manoel, que ama de-veras,  
Responde com ansiedade :  
— « Se êste cravo é de mentira,  
« Meu amor é de verdade l

« Não seja assim, tia Rosa,  
« Tão rabujenta e cruel :  
« Tenha confiança em mim  
« E no cravo de papel.

• Ainda que seja d'oiro,  
• A oferta de quem quer bem  
« Vale mais pelo que diz  
« Do que p'lo pêso que tem.

« Êste cravo, sendo falso,  
« Vence os cravos verdadeiros,  
« Cuja côr, cujo perfume  
« São dôces mas passageiros.

« Não diga mal, tia Rosa,  
« Dêste cravo que é honrado :  
« Se êle nasceu sem perfume,  
« Tem o do amor com que é dado ! »

Ouvindo Manoel, Maria  
Desfalecia d'amor,  
E, sôbre o seu seio, o cravo  
Par'cia um santo no andor.

Manoel cumpriu a palavra,  
Foi firme nos seus affectos ;  
Casou, e morreu velhinho,  
Deixando filhos e netos.

E Maria também velha,  
Viuva do Manoel,  
Levou p'ra a cova, ainda fresco,  
O seu cravo de papel.

TRISTE HISTÓRIA  
DUMA ROSA

Rosa... Rosinha... Rosita,  
Nomes que eram flor's cheirosas,  
Tinha-os todos certa moça  
De pei' de nardos e rosas.

Sua pel' rosada e branca,  
Que altos reis fizera escravos,  
Par'cia um rio de leite  
Reflectindo acêsos cravos.

Fogo coado por gêlo,  
Tal pel', de causar delírios,  
Era um desmaio de rosas,  
E um roseo pudôr de lírios.

Pel' de fruto rescendente,  
Pel' de estrêla e pel' de flor,  
Era uma chama com frio,  
Neve a morrer de calor.

Donzela, Rosa era rosea . . .  
Mas quando enfim foi beijada  
P'la bôca dum noivo terno,  
Ficou rosinha encarnada.

Encarnadinha, vencia  
Todas as rosas da terra !  
Mas veio a guerra . . . e o seu noivo  
Lá foi, fardado, p'ra a guerra !

Na hora da despedida  
( Há horas bem dolorosas ! )  
Floriu-lhe a testa com beijos  
E a carabina com rosas...

Vendo-o partir finalmente,  
Em manhã serena e bela,  
Rosa fez-se rosa-chá,  
Rosinha d'oiro, amarela.

Amarelinha e saudosa,  
Bem mostrava o seu desgosto :  
Era o oiro das saüdades  
Que lhe amarelava o rosto.

Ai... Mas um dia o carteiro,  
Vindo triste pela estrada,  
Tráz-lhe uma carta de França,  
De luto negro tarjada !

Antes de ler, adivinha  
A tremenda dôr que a espera :  
Sendo noiva, era viúva,  
Seu lindo noivo morrera !

Nem uma lágrima verte,  
Nem um só ai se lhe arranca :  
Rosa é rosa... mas agora,  
Para sempre... rosa branca !



## O SUÃO

Em tarde quente, de agosto,  
Do sol na agonia flava,  
Soprou, de súbito, um vento  
Soturno, que amolentava.

O Serafim, conversando  
No cruzeiro co'a comadre,  
Clama : — « Cá temos o suão,  
Que queima a vinha do padre ! »

— « Que é isso ? » pergunta a velha,  
Que foi bem bonita em moça ;  
Volve logo o Serafim :  
— « Não sabe ? Pois então ouça ! »

E assentado num degrau  
Da cruz doirada p'lo ocaso,  
Limpando o suor com o lenço,  
Contou o seguinte caso.

O Damião das Casas-Novas,  
Sem ter altar, era um santo ;  
Era no dar um mãos-rôtas,  
Ninguém dava mais, nem tanto !

Advinhava as misérias,  
Para logo as socorrer ;  
E, para amparar famílias,  
Nunca família quis ter.

Rotinho, vestia os outros  
Com mão de pai, muito amiga...  
Certa manhã, na Quaresma,  
Lá vai êle à desobriga.

Velhinho, na sacristia,  
Dobra os joelhos emperrados...  
Rebusna o padre, e emfim clama :  
— « Diga lá os seus pecados ! »

Damião busca e rebusca,  
Mas nada tem que dizer...  
Grita o prior : — « Desembuche,  
Que eu tenho mais que fazer ! »

Mas Damião nada diz...  
Que há-de dizer ? Só faz bem...  
Porém, o padre é frenético,  
E afinal não se contém :

— « Veja lá ! Grande ou pequena,  
Na alma há sempre uma chaga !  
Não pecou por pensamentos ?  
Não rogou alguma praga ? »

— « Roguei ! Roguei ! » diz, submisso  
E a soluçar, Damião :  
« Roguei uma praga feia,  
P'lo que peço a Deus perdão ! »

Do prior a voz espessa  
Então, colérica, trôa :  
— « Praguejar é grave falta,  
Que o próprio Deus mal perdôa !

« A praga é uma bofetada  
Que se dá na Caridade !  
Quem o mal deseja aos outros  
Acha o mal na Eternidade. »

« Ouça bem o que lhe digo  
Nesta cadeira onde estou !  
E contra quem foi, confesse,  
Que essa tal praga rogou ? »

Arrepellido, a tremer,  
O pobre do Damião  
Responde com voz humilde :  
— « Foi contra o vento suão ! »

— « Foi contra o vento suão ? »  
Diz o prior admirado :  
« Andou Você muito bem !  
Isso é um vento estuporado !

« Êsse vento merecia  
Rodado ser por mil rodas !  
Há-de haver uns oito mêses,  
Queimou-me as videiras todas !

« De contrição diga o acto,  
Vou dar-lhe a absolvição...  
Raios partam êsse vento !  
Leve o Diabo tal suão ! »

## NA CABEÇA DA COMARCA

O filho do boticário  
Namora a filha do juiz :  
A rapariga é feiota  
Mas tem seus bens de raiz...

O íntegro magistrado  
Afina co'a brincadeira :  
Já um dia disse à filha :  
— « Ou tento na bola... ou freira ! »

Tem razão ! A rapariga,  
Que é muito atreita a paixões,  
Sendo quem é, bem podia  
Ter outras aspirações.

Rica, é, p'lo pai, descendente  
De gente humilde, mas boa,  
E, pela banda da mãe,  
Vai a Albuquerque e a Gambôa.

O rapaz, quando estudante  
Em Coimbra, foi um vândio :  
Matriculado em Direito,  
Perdeu três anos a fio.

Passados êsses três anos  
Voltou à vila natal ;  
Canta à guitarra, faz versos  
E bebe-lhe menos mal.



Vai o diabo ha três mêses  
Na residência do juiz :  
Branquinha chora e não come,  
E já não borda a matiz.

Ha dias, p'lo fim da tarde,  
Quis ir deitar-se no poço !  
A pobre mãe teve um ataque...  
Valha-nos Deus, que é pai nosso !

O juiz masca em silêncio  
O seu furor represado,  
E pensa : — Se o rapazola  
Fôsse ao menos delegado !

Ontem, quando os astros d'oiro  
Scintilavam nos seus giros,  
Acorda o pai, que roncava :  
Era Branquinha aos suspiros...

Lá se levanta o juiz,  
Que não é pai... mas banana :  
Branca, aos suspiros, declara  
Que vai ser dominicana.

Novo fanico na mãe !  
E o pai, de calma sedento,  
Para evitar mais desgraças,  
Consente no casamento.

Branquinha já come e borda,  
Já canta como um pardal,  
E hoje vai co'a mãe ao Porto,  
Para comprar o enxoval.

## MISSA DAS ALMAS

*A minha Mãe, no dia em que  
fez os seus 78 anos, 22 de janeiro  
de 1922.*

Quatro horas da manhã...  
As estrêlas brilham calmas...  
Sái de casa o sacristão,  
Vai para a missa das almas.

Surdo torpôr cobre a aldeia,  
E em meio dêsse torpôr,  
Os passos do sacristão  
São passos d'imperador...

Entra na igreja às escuras  
E espevita o lampadário,  
Cuja luzinha d'azeite  
Agoniza ante o sacrário.

Na luz rejuvenescida,  
Que desafia as estrêlas,  
Acende êle o apagador,  
P'ra ir acender as velas.

Para acender a primeira,  
Quase que leva uma vida :  
Tremelicando, o pavio  
Não acerta c'oa torcida.

Lá a acende finalmente,  
E depois dela a segunda...  
O relógio dá um quarto...  
Fóra, a treva ainda é profunda...

De repente, o sacristão  
Olha p'ra cima e descora :  
No altar-mór faltava a imagem  
Da Virgem Nossa Senhora !

Quase que cái com um ataque  
O pobre do sacristão :  
É um cavalo a galope,  
No seu peito, o coração.

Mas, de súbito, ouve passos :  
Olha e vê, co'a vista absorta,  
Vê entrar Nossa Senhora  
Por uma grêta da porta !

— « Donde vindes vós, Senhora ? »  
Diz o sacristão pasmado :  
A Virgem Mãe baixa os olhos,  
Com um arzinho enfiado . . .

O que ha-de ela responder ?  
Ao mesmo tempo arde e gela :  
Apesar de ser quem é,  
Não quer que pensem mal dela . . .

E o que é que pensará  
O sacristão a essa hora,  
Vendo-a vir, sendo ainda noite,  
Às ocultas, lá de fóra ?

Mas eis que responde emfim  
De amor num trasporte estranho :  
— « Vais saber toda a verdade,  
« Vais saber donde é que venho,

« Mas não o digas, não quero  
« Que aí o saibam e contem :  
« Fui dar de mamar a um orfão,  
« A quem morreu a mãe ontem ! »

O ENTÊRRO  
DE INÊS DE CASTRO

*A Afonso Lopes Vieira.*

Quando saiu de Coimbra  
O entêrro de Inês de Castro,  
Ficou o céu às escuras,  
Sem um anjo e sem um astro.

De Coimbra até Alcobaça  
Eram dois renques de velas :  
Entre os homens com brandões  
Marchavam anjos com estrelas...

No ar, de treva absoluta,  
Pálidas mãos misteriosas,  
Sôbre o caixão, desfolhavam  
Contínua chuva de rosas...

E, atrás do caixão, a Dama  
Que chorava, estrada fóra,  
Desconfia-se que fôsse  
A Virgem Nossa Senhora...

El-rei Dom Pedro seguia  
Sem chorar, sombrio e sêco,  
Rilhando em mente, com raiva,  
O coração do Pacheco.

Quando o saïmento passava  
Nas silenciosas aldeias,  
Vinham à porta as mulheres  
Alçando acêsas candeias.



Crianças que lá nasceram  
Então e durante meses,  
Sendo varões, eram Pedros,  
E sendo fêmeas, Inêses.

Inda o caixão ia perto  
Da igreja donde saía,  
Já o princípio do entêrro  
Em Alcobaça luzia.

Passaram horas e horas,  
E o entêrro sempre a passar...  
Luzes atrás doutras luzes,  
Ninguém as pôde contar !

Eram pespontos de luz  
As duas linhas de velas ;  
Atrás, do caixão em volta,  
Zumbia um enxame de estrelas...

Quando o coice do cortejo  
Chegou à Cruz de Murouços,  
Surgiu a lua no céu  
Em argênteos alvoroços.

Argêntea porta era a lua,  
E cá de longe par'cia  
Que o caixão no céu entrava,  
No esplendor do eterno dia...

CHOCALHOS,  
ÀS AVE-MARIAS

Da serra do Caramulo,  
Por um barrocal castanho,  
Com seus cães e seus pastores,  
Desce, à noitinha, um rebanho...

Os chocalhos das ovelhas  
Tínem plangentes no ar ;  
Suas vozes gotejantes  
São saúdades a chorar...

Saüdades dos altos cumes,  
Onde o homem não ergueu casas,  
E onde só, d'aves e d'anjos,  
Se ouve o murmúrio das asas...

Parece humana a lamúria,  
Que entenece e mate dó...  
Na estrada, agora, o rebanho  
Levanta nuvens de pó.

E no coice um cordeirinho,  
A mancar, quase a cair,  
Leva num guizo, ao pescoço,  
Saüdadezinhas a rir...

## A TRUTA

*A Antero de Figueiredo.*

Uma trutinha prateada,  
Com lindas pintas vermelhas,  
Vivia em sereno rio  
Com outras trutas mais velhas.

Prateada e com tais pintinhas,  
Sempre a mexer, azougada,  
Par'cia um punhal com sangue  
Depois duma punhalada.

Ao vê-la tão desinquieta,  
Diziam-lhe as outras trutas :  
— « Cautela ! não vás p'ra longe,  
« Tonta, que não nos escutas ! »

« Aqui, na serra, onde o rio  
Não afoga uma criança,  
Vive-se em paz e sossêgo,  
A vida é fresquinha e mansa ;

« Mas à proporção que o rio  
Alarga, o p'rigo é maior,  
A cada passo, na margem,  
Se levanta um pescador.

« O homem p'ra nos pescar,  
Inventou coisas diversas :  
São nassas feitas de vime,  
Anzois e rêdes diversas.

« Aqui, na serra, onde a paz  
À natureza sorri,  
Aqui os homens são poucos :  
Não nos tiremos d'aqui ! »

Caía num cêsto roto  
Êsse pensar tão profundo :  
A truta era ambiciosa  
E queria vêr o mundo.

Co' essa ideia na cabeça,  
Guiada por falsa estrêla,  
Em linda manhã d'abril,  
Rio abaixo, lá vai ela !

P'ra se divertir á grande,  
Á partida, abocetára  
Num refeginho da guelra  
O património que herdára.

Foi tudo bem a princípio,  
Tudo foi sem novidade ;  
Viu outras margens e aldeias,  
Uma ponte e uma cidade !

Ao cair, porém, da noite,  
Ao raiar da lua bela,  
Meteu-se com outro peixe,  
Que era tão doido como ela.

Uma piscadela d'olhos,  
Um sorrisinho, um rubor,  
E lá vão de braço dado,  
A arder, na água, de amor...

Foram ao teatro dos peixes  
Ver uma farça, *A Lampreia*,  
E depois, no mesmo prato,  
Comeram mimosa ceia.



Carregaram nas bebidas  
A que o luar dava lampejos ;  
Doidinhos um pelo outro,  
Trocaram beijos e beijos...

Bem fizera a jovem truta,  
Deixando o serrano lar :  
Aquilo é que era viver !  
Aquilo é que era gozar !

Mas, p'la manhã, os dois peixes,  
Ambos com sono e com sêde,  
Marcharam para a certã  
Levados na mesma rêde !

# O CORAÇÃO DE FILIGRANA

*A Vasco de Quevedo.*

Caminho da romaria,  
Maria da Conceição  
Leva três arrateis d'oiro,  
Do seio na ondulação.

Cordões são seis, cruzes quatro  
Mas do que ela mais se ufana  
É dum coração enorme,  
Todo êle de filigrana.

Coração de tal grandeza,  
Tão scintilante e jucundo,  
Se d'amor 'stivesse cheio,  
Dava amor p'ra todo o mundo.

Ha corações pobrezinhos  
Ricos da amorosa chama ;  
Êste, porém, sendo d'ouro,  
Vazio de amor, não ama.

Mas de Conceição no seio,  
Sem amar, amar parece :  
Sôbre êsse seio ofegante  
Ora se alteia, ora desce.

Conceição, que é abastada,  
Para caminhar mais lesta,  
Vai pela estrada, descalça,  
Leva as chinelas na cesta.

Em terras de Portugal  
São poupadas as donzelas  
Que se magoam descalças  
Para alívio das chinelas.

Na sua cesta coberta  
Com uma toalha de renda,  
Leva, ao pé das chinelinhas,  
Mimosa e farta merenda.

No seu rancho, é Conceição  
Das moças a que mais ri,  
Ri desde os pés à cabeça,  
Leva o noivo ao pé de si !

Seu noivo, o Simão da Ínsua,  
É um rapaz desempenado :  
Cinta azul, jaleca nova,  
E marmeleiro ferrado.

Á romaria chegados,  
Param defronte das tendas,  
Onde Simão a Maria  
Ofrece prendas e prendas :

São rosários de pinhões,  
Ladrilhos de marmelada,  
Uma ceirinha com figos  
E um copo de limonada.

E por fim, num largo assomo  
Do seu ânimo bizarro,  
Dá-lhe mais uma regueifa,  
Que é como a roda dum carro.

Em seguida entram na dança,  
Ao som do harmónio plangente :  
A poeira é de abafar,  
Mas quem dança não a sente.

Depois da dança, a merenda,  
Ali comida, no chão :  
Galinha assada, azeitonas,  
Peixe frito e um salpicão.

Para ajudar, da borracha  
Jorram purpúrias golfadas :  
Êle já está como um ôdre,  
E ela ri às gargalhadas.

No coreto com bandeiras  
Toca a banda militar,  
E os foguetes estralejam,  
Um após outro, no ar.

Em raivoso desafio,  
De repente, eis que Simão  
Crava o'olhar num atrevido,  
Que o seu crava em Conceição.

A moça sobresaltada  
Diz então : — « Vamos embora,  
« Anda comigo à capela  
« Resar a Nossa Senhora ».

Mas Simão com os olhos doidos,  
O pau brandindo no ar,  
Num salto de tigre, cresce  
Contra o rival p'ra o matar !

Arma-se uma rixa louca,  
Multiplicam-se as baralhas,  
Silvam paus, cruzam-se gritos  
E relampejam navalhas.

No mais aceso da briga,  
Entre as gentes desvairadas,  
Simão baqueia por terra  
Cosido com seis facadas.

E a pobre da Conceição,  
Que nas pernas não se tem,  
Co'essas seis facadas n'alma,  
No chão baqueia também.

Corre gente que a levanta  
E que à capela a transporta ;  
Sem falar, de olhos fechados,  
Conceição parece morta...

Mas o seu coração d'oiro,  
De filigrana, a pular,  
Parece um barquinho doido  
Nas ondas doidas do mar...



## PORTUGAL

*A Alberto Feliz de Carvalho.*

Um alemão, meu amigo,  
Veio visitar-me um dia :  
Sendo inverno, em Portugal  
O inverno, maio parecia.

O alemão andava doido  
Com o que via em redor :  
Céu azul, rosas aos centos,  
Tudo verde e tudo em flor!

Dizia: — «De Hamburgo ao Porto  
«Dura a viagem cinco dias,  
«Mas desta vez, Deus me salve!  
«Houve bruxa e bruxarias:

«Sendo a viagem tão breve,  
«De tão curta duração,  
«Parti nas zinas do inverno,  
«Chego nas zinas do v'rão!

«Em Berlim, neve e neblina  
«E um frio de inteiriçar:  
«Aqui, macios veludos,  
«Tépidas rosas no ar...

«Quem ha que me explique um caso,  
«Que é tão sobrenatural?  
«Ou eu estou doído ou o tempo  
«Anda doído em Portugal!»

Respondi rapidamente

À pergunta curiosa:

— «Portugal tem sempre sol,

«O que lhe falta é outra cousa!

«Tem sol vivo no futuro

«E no passado esplendente;

«Tem sol, par'cendo mentira,

«Na escuridão do presente!

«Nesta hora de fraqueza,

«Em que tudo o abafa e cansa,

«Se não tem um sol de glória,

«Tem ainda um sol de esp'rança!

«Tem sol no céu e na terra,

«Nos frutos e nas canções:

«Tem sol nos feitos do Gama,

«E nos versos de Camões!

«Em Portugal, meu amigo,  
«Tudo em clarões se traduz :  
«Até a treva ilumina!  
«Até as campas dão luz!

«Portugal é um céu aberto,  
«Portugal é um paraíso :  
«Só lhe faltam duas cousas,  
«Que são . . . dinheiro e juízo . . . »

OS TRÊS CHINÓS  
DE GARRETT

Sendo bem encabelado,  
Não o digo p'ra meu proveito:  
Não é vergonha a calvície,  
Até infunde respeito.

O pobre Verlaine e Socrates  
Ninguém os ouviu queixar  
Por serem carecas, sendo-o  
Como as bolas do bilhar.

Mas Garrett, um peralvilho,  
Careca como uma noz,  
Com inveja de Sansão,  
Mandou fazer três chinós.

Tinha um o pêlo curto  
(Já se verá a razão!),  
O outro mais longo, e o terceiro  
Era a trunfa de Absalão.

Pondo o primeiro, Garrett  
Dizia a quem ia vê-lo:  
— «Venho agora do barbeiro,  
Fui lá cortar o cabelo.»

Quando trazia o segundo,  
Sempre com distintos ares,  
Falava de tudo . . . menos  
De operações capilares.

Pondo o terceiro, exclamava,  
Fingindo enfados mortais :  
— « Vou cortar a gaforina,  
Que está comprida de mais ».

Assim, glabro como um ovo,  
Com simples hipocrisia,  
Simulava ter cabelo,  
E cabelo que crescia!

Doce embuste de poeta,  
Que a ninguem prejudicava!  
Querendo enganar os outros,  
A si próprio se enganava.

Julgava iludir o sábio  
E o inocente papalvo;  
Mas, calvo, co'a cabeleira  
'Inda parecia mais calvo!

De olhos direitos ou tortos,  
De morena ou branca tez,  
Que ninguém tenha vergonha  
De ser como Deus o fez.

Defeitos da natureza  
Para Deus tem formosura;  
Do que êle não gosta nada  
É de mentira e impostura.

Vendo um homem de chinó,  
O povo iónico diz:  
— « Êste homem tem muitos bens,  
Mas nenhum é de raiz. »



## O AMOLADOR

*Ao Marquês de Figueroa.*

Vinte e quatro de dezembro,  
Gretam-se os pés na geada :  
Mas o sol já surge alegre,  
E hoje é dia de consoada.

Vão p'ra o pascigo os rebanhos,  
Cada um com seu pastor . . .  
De repente, ouve-se ao longe  
A gaita do amolador . . .

No passal, o padre-cura  
Mata o porco esta manhã:  
Grunhe a vítima, coitada,  
Como uma alminha cristã . . .

No quintal do brasileiro  
Tambem vai bom e bonito :  
A moça esfola um coelho,  
E êle, outro Creso, um cabrito.

Canta emproado num muro  
Um galo de bico aberto :  
A gaita do amolador  
Ouve-se agora mais perto . . .

O amolador, que é moreno,  
Quinze anos deve contar ;  
Natural de Redondela,  
Parece um órfão no olhar.

É toda de remendinhos  
A roupa do amolador,  
Lembrando da escola os mapas  
Com as províncias de côr.

Lá vem êle! Curvadinho,  
Impele a roda p'lo chão,  
E apregôa com voz fina,  
Que até corta o coração.

Apregôa com voz fina,  
Que é uma voz de rouxinol;  
Às costas traz uma trouxa  
E armações de guarda-sol.

Bem apregôa! Ninguém  
Lhe paga as tristes canseiras...  
Mas lá se abre um postiguinho  
Com um vaso de sardinheiras.

Sai do postigo a cabeça  
Duma velha que foi loira :  
— « Pára aí, ó rapazinho,  
« Amola-me esta tesoura. »

Pára o rapaz sorridente,  
Abre a porta a boa velha :  
A boca da velha é branca,  
E a do rapaz é vermelha.

P'lo pé do rapaz movida,  
Gira a pedra de amolar :  
Sentindo a tesoura, chia,  
E lança chispas no ar ...

Findo o trabalho, a velhinha  
Com um ar afável, de mãe,  
Pergunta ao pobre : — « Quanto é ? »  
E êle responde : — « Um vintem ! »

Remexendo na algibeira,  
A velha pensa com dor  
Num filho que lhe morreu  
Da idade do amolador . . .

A sorte do galeguito  
Arranca-lhe então dois ais ;  
E diz : — « Pobre rapazinho,  
« Longe da terra e dos pais ! »

Mas depois, num rasgo, exclama,  
Tendo nos olhos clarões :  
— « Foi um vintem que disseste ?  
« Pois pega lá dois tostões ! »

Velhinha que tal fizeste,  
Quando for's p'ra a eterna luz,  
Que a tua alma seja aceite  
Pelo Menino Jesus !

E o galeguito lá segue,  
Mais contente, a apregoar :  
O rouxinol de voz triste  
Parece um melro a cantar !

## DIA D'ANO-BOM

Hoje, dia d'Ano-Bom,  
Foi o jantar melhorado :  
Canja d'oiro, cabidela  
E um rico leitão assado.

Não contente de o assar bem,  
A cozinheira briososa  
Pôs na bôca do leitão  
Uma linda e grande rosa.

Além dessas vitualhas,  
Outras mais o olhar divisa :  
Mexilhões frescos d'Aveiro  
E um paio, róseo, de Niza ;

Sobremesas são às dúzias,  
Na mesa, ao pé da floreira :  
Manjar branco, ovos de fio,  
E uma « barriga de freira ».

De fato novo, os pequenos  
Riem bem e melhor cómem :  
O Martim, que é o mais novinho,  
A comer parece um homem !

Na braseira, sob a cinza,  
Dormem brasas resplendentes :  
Fazem-se alegres saúdes  
Aos amigos e aos parentes.



Nisto, uma lembrança amarga  
Me ensombra com negro véu :  
Tenho à volta os cinco filhos,  
Mas . . . falta-me o que morreu!

## DOMINGO DE PÁSCOA

Hoje, domingo de Páscoa,  
Tudo é sol, beleza clara!  
Em casa do ferrador,  
Giram todos, ninguém pára.

Deram três horas na torre,  
Passaram pombas no ar . . .  
Não deve tardar o prior,  
A receber o foliar.

O ferrador esmerou-se,  
Pôs colarinho engomado,  
E a mulher, sécia, vestiu-se  
Co'as roupinhas do noivado.

Sua filha, a Palmirinha,  
Em passos curtos, subtis,  
Toda risonha e frisada,  
Traz sapatos de verniz.

Gastou um frasco de essência  
No lenço que tem na mão :  
Até parece mais linda  
Que a filha do cirurgião!

Lembra um-altar de novena  
A casa do ferrador :  
Cortininhas na janela,  
E em cada jarra uma flor.

Canta o melro na gaiola,  
E sôbre o chão lavadinho  
Fofos tapetes cheirosos  
De alfazema e rosmaninho.

Na saleta o foliar pingue,  
Fulgindo, até arreбата:  
Sôbre uma laranja d'oiro  
Cinco tostões d'alva prata.

Lindo dia! O sol entrando  
Pela janela, doirado,  
Doira no aquário de vidro  
Um lindo peixe encarnado.

Palmirinha vai e vem  
Da janela ao corredor,  
Até que diz aos pulinhos:  
— «Aí chega o senhor prior!»

Entra o sacristão co'a cruz,  
Caldeirinha e opa vermelha,  
E o velho prior, que traz  
Sobrepeliz também velha.

Tudo se põe de joelhos,  
Em atitudes modestas,  
E o prior sorri p'ra todos:  
— « Aleluia! Boas festas! »

Copos de vinho do Porto  
Passam nas mãos, oirescentes,  
E o prior recusa améndoas...  
— Coitado! faltam-lhe os dentes...

Foi-se o prior... Tudo acaba  
Nesta existência mesquinha...  
O ferrador vai tirar  
O casaco... e Palmirinha

Pensa que daí a um ano,  
Bém feliz no amor que a abraça,  
Receberá o prior  
Já na sua própria casa . . .

## AS DUAS CASAS

Ás ilhargas da capela,  
No chão do mesmo terreiro,  
Vira-se uma casa nova  
Para um enorme pardieiro.

Vive um conde arruinado  
No sombrio casarão,  
Em cuja fachada avulta  
Uma pedra com um brasão.

Na casa dos azulejos  
Quem móra é um pedreiro, o Gil,  
Cujo filho, um felizão,  
Enriqueceu no Brasil.

As janelas do palácio,  
Sem vidros, estão ceguinhas,  
Mas sob os seus beirais velhos  
Riem ternas andorinhas.

No prédio dos azulejos,  
Com janelas verde-gaio,  
A andorinha não faz ninho,  
Mas ha lá um papagaio.

De negro, o conde só vive  
De amargas recordações . . .  
Gil, de tamancos, só pensa  
Em serrabulho e leitões.



Á porta do conde, a sombra  
 Duns ciprestes se dilata . . .  
 Gil no portal tem dois vasos  
 Com palmeirinhas de lata.

Nos seus salões sem mobília,  
 O velho conde caduco  
 Pensa no seu nobre herdeiro,  
 Que é . . . caixeiro em Pernambuco.

E Gil, o pai venturoso  
 Dum banqueiro do Pará,  
 Em mente, desconta o cheque,  
 Que amanhã receberá.

Entre a casa nova e a velha,  
 Na capela adormecida,  
 Cristo, pregado na cruz,  
 Pensa nos vaivens da vida . . .

Os destinos desvairados,  
Nesta vida enganadora,  
São irmãos dos alcatruzes,  
Dos alcatruzes da nora.

Cada um declina ou sobe  
Conforme a sorte que o anima:  
Os de cima vão p'ra baixo,  
E os de baixo vão p'ra cima.

## SOMBRAS QUE PASSARAM

Quantas saüdosas figuras  
Dos meus tempos de menino,  
Nãõ as varreu a vassoira,  
Que anda nas mãos do Destino!

Na nossa casa, entre páteos  
Com aves cantando à lua,  
Entre dúzias de janelas,  
Só uma olhava p'ra a rua.

Mas, para a gente miuda,  
Essa janela era então  
Como o balcão dum teatro  
Em permanente função.

De capa rôta, e mostrando  
Rôtos calções e japona,  
Aí p'la volta das dez,  
Vinha o Pedro da sanfona.

— «Toca!» gritavamos nós,  
E êle, humilde, sem demora,  
Começava... e por dez reis  
Tocava ali meia hora...

Mais tarde, ao dar do meio-dia,  
Infalível, sempre exacto,  
Um alto pregão vibrava  
Assim: — «Barato! Barato!»

Era um moiro de Marrocos,  
De oleosa e bronzeada tez,  
Que tinha um gilvaz na cara  
E andava sempre de fez.

Numa caixa envidraçada,  
Suspensa em forte corrêa,  
Trazia botões, lunetas,  
Jogos d'agulhas de meia,

Pulseiras de pechisbeque,  
Sabonetes a vintém,  
E lindos rosários bentos,  
Vindos de Jerusalem.

Tal caixa, que também tinha  
Canivetes e boquilhas,  
Era para nós, pequenos,  
Um jardim de maravilhas!

E nós, suspensos, alheados,  
Num deslumbramento mudo,  
Cubiçávamos riquezas,  
P'ra comprar aquilo tudo!

Outras vezes (e a loucura  
Punha-nos todos num sino!),  
Vinha uma família de húngaros,  
Com um urso dançarino.

O pai, feroz de guedelha,  
Butifarras, chapeirão,  
E a mãe com um pequeno às costas  
E meia duzia p'la mão.

Semi-nús, de grenha hirsuta,  
Tinham todos o ar bravio;  
O urso enorme, enlameado,  
Marchava lento e sombrio.

Mas à voz do rude chefe,  
Praguejando em língua estranha,  
Lá se erguia o urso, aos urros,  
Mais alto que uma montanha ;

E, com um pêlo, que lembrava  
O burel dum anacoreta,  
Dançava em pé, como um homem,  
Ao rufo da pandeireta.

Outras vezes, pela tarde  
(Parece que ainda o vejo!),  
Vinha um velho italiano,  
Que tocava realejo.

Vestido de bombasina,  
Com chapéu mol', desabado,  
Tinha umas calças mais fartas  
Que as dum major reformado.

Oh! que música tão triste,  
Que voz tão cheia de espinhos!  
Um moinho a moer almas  
De viúvas e de orfãozinhos!

O pobre do italiano  
Trazia sempre a seu lado  
Uma macaquinha triste  
Com seu saiote encarnado.

E a macaquinha, ao findar  
A gemebunda canção,  
Aos pulos, pedia esmola,  
Com uma bandeja na mão.

Velho moiro barateiro,  
Sanfona de acordes tristes,  
Tristes ursos dançarinos,  
Onde estais, que vos sumistes?



Onde estás tu enterrada,  
Macaca do realejo?  
Que é feito do italiano?  
Ha muito que vos não vejo...

Na rua, agora, nem sombra  
Das apagadas delícias!  
Desta janela, só vejo  
Automóveis e polícias.

## O VELHO BERÇO

Tenho, entre outras coisas velhas,  
Um berço em cujo espaldar  
Se vê, feito de embutidos,  
Um passarinho a cantar.

Casei num dia de maio . . .  
Meses depois, uma vez,  
OuvIU-se um anjo a chorar :  
Sendo dois, ficámos três . . .

Veiu o berço para o quarto,  
Mil vezes o abanei eu...  
Berço que era uma janela  
Pela qual eu via o céu!

Nesse berço pequenino,  
Em tempo que já lá vai,  
Dormira soninhos d'anjo,  
Sendo outro anjo, meu pai!

Nesse bercinho, mais tarde,  
Morreu-me um filho também...  
Mas não quero falar nisto :  
Anda ali a pobre mãe...

Dormiram nele outros filhos  
Ao cantar dos meus affectos...  
Velho estou; vasio, o berço  
Ficará para os meus netos.

O COLÉGIO  
DAS URSULINAS

Em Portugal, onde os ventos  
Correm tão desaforados,  
Os velhos conventos, hoje,  
São casernas de soldados.

Onde a oração agitava  
Ásas de neve, impolutas,  
Quer de noite, quer de dia,  
Silvam pragas de recrutas;

E onde o incenso embriagava  
Os Santos, que a Graça nimba,  
Passa um fartum empestado  
De acampamento e tarimba.

Calou-se o sino, que enviava  
Ao céu saüdades da terra:  
Só se ouvem clarins agudos  
Com ameaças de guerra;

E nos claustros empedrados  
Por velhas, gastas lisonjas,  
Gemem guitarras lascivas  
Sôbre os jazigos das monjas...

Dessas casas profanadas  
P'lo rigor de ásperas sinas,  
Uma relembro: o *Colégio*  
Chamado *das Ursulinas*.

De Coímbra à beira, no sítio  
Mais assoalhado e mais belo,  
Sendo uma casa de paz,  
Par'cia ao longe um castelo.

E era um castelo, em verdade,  
Um castelo de virtude:  
Cidadela da inocência  
Com torres de beatitude!

Tive lá tres tias freiras,  
Por quem minh'alma ainda chora,  
E uma das quais, sendo cega,  
Foi das demais Sup'riora.

Seu olhar, não tendo luz,  
Luz da alma recebia:  
Sendo cega entre videntes,  
Era ela a que mais via.

Três irmãs, que ainda tenho,  
E que tão discretas são,  
Là se fizeram doutoras  
Em prendas e mansidão.

A mulher, que Deus me deu,  
Também lá foi educada :  
Casa, que deu tal mulher,  
Seja p'los anjos cantada !

De lá, no Natal e Páscoa,  
Nos vinham fartas ofrendas,  
Grandes bandejas de doce  
Com toalhas de finas rendas ;

E de lá vinham também,  
Em horas de provação,  
Com mimos de condolência  
Beijos de resignação.

Mas as três tias morreram,  
Soprou um vento cruel...  
E o colégio das freirinhas  
É hoje em dia um quartel!



## O ESPADIM DO MEU AVÔ

A minha casa em Coimbra,  
Ao pé da Universidade,  
É um museu onde as coisas  
Falam com voz de saúde.

Cá tenho a caneta d'ouro  
Com a qual foi assinada  
A escritura nupcial  
Duma avó minha, morgada.

E a Senhora dos Remédios,  
Que ali vês, leitor querido,  
Resplandeceu no oratório  
Doutro morgado sumido...

Ali está o último prato  
Dum serviço do Japão,  
Que viu mais dum casamento  
Dos da minha geração.

Tenho, entre tanta antiqüalha,  
Que o meu coração atrai,  
Muitas miudezas que foram  
Do pai do meu santo pai.

Êsse avô discreto e sábio,  
Sendo em Coimbra doutor,  
Foi do Mondego p'ra o Tejo,  
Feito desembargador.

No Desembargo, seguindo  
As partes de Dom Miguel,  
De Dom Miguel foi compadre,  
Compadre e amigo fiel.

Dêsse avô, como já disse,  
Tenho ainda muitas cousas:  
A luneta dum só vidro,  
Um anel de diamantes-rosas;

Tenho uma carteira sua,  
Que parece um cofre-forte,  
O seu hábito de Cristo  
E o espadim com que ia à côrte.

Êsse espadim leveirinho  
Tem, co'a bainha de coiro,  
Punho de prata doirada,  
Que em tempos fingiu ser d'oiro.

Mas tudo o tempo desdoira,  
Pelos decretos do céu,  
E hoje é tal punho a cabeça  
Dum loiro que encaneceu.

Velho espadim de três palmos,  
Velho e triste, já não luz  
Como luziu algum dia  
Nos serenins de Queluz.

Chegou-me há tempos um livro  
Dum poeta de alto porvir:  
Quís abri-lo, era fechado,  
Não tinha faca p'ra o abrir...

Peguei no espadim do avô,  
Com êle as folhas cortei:  
O poema era divino,  
Lí-o enlevado e sonhei...

Espadim de puro aço,  
Sendo arma, em vez de dar morte,  
Deliciaste uma vida :  
Foi feliz a tua sorte !

Espadim de aço luzente,  
Sendo uma arma homicida,  
Em vez de encher uma cova,  
Déste um par d'asas à vida !

Em vez de fechar a porta  
Aos leves sonhos risonhos,  
Num relâmpago celeste,  
Abriste a porta dos sonhos !

MARIA FRANCISCA DA  
GRAÇA

Esta Maria Francisca,  
Criada da nossa casa,  
Com vocação p'ra diamante,  
Não passou de humilde brasa.

Velhinha, com reumatismo,  
Já mal se pode arrastar ;  
Andou mais que um almocreve,  
Sempre, em casa, a moirejar,

Veiu para cá pequena,  
E cá se tornou mulher,  
Cá lhe embranqueceu a trança,  
Cá, um dia, ha-de morrer.

Mandada, nunca mandou,  
Nunca foi flôr, foi sempre herva;  
Dócil e humilde, foi sempre  
Dos amos submissa serva.

Os nove irmãos que nós fômos,  
Todos lhe andámos no cólo:  
Vêr-nos todos consolados  
Foi e é o seu consôlo.

Todos lhe andámos no cólo,  
Tão quentinho e tão amigo;  
E ela que pode com todos,  
Mal pode agora consigo!

Todos nós adormecemos  
No bercinho, ao seu cantar :  
Quanta vez, como na trova,  
Não cantaria a chorar !

Mulher de fé, verdadeira,  
Jámais gostou de imposturas ;  
Se mentiu, foi p'ra encobrir  
Nossas velhas diabruras.

Nas horas negras de luto,  
Não era criada, não !  
Chorando, era da família,  
Chorava com o coração.

Co'as soldadas que ganhou,  
Ela, que é modesta e parca,  
Foi comprando alguns oiritos,  
Que tem no fundo da arca.



Mas não comprou êsses oiros  
Cō'a mira em fumaças vans :  
Sem os pôr, já os legou,  
Ficam p'ra as minhas irmãs.

Onde haverá desint'rêsse  
Como o seu foi? digam lá :  
Quanto ganhou nesta casa,  
Nesta casa ficará.

Boa Maria Francisca,  
Safira do meu tesoiro,  
Tens no céu à tua espera  
Uma cadeirinha d'oiro !

Dôce Maria Francisca,  
Sabes tu o que eu queria,  
Sabes o que eu desejava ?  
Que tu fosses minha tia !

## ENTRE AMIGOS

*Ao meu amigo Ruy de Betencourt  
da Câmara.*

Tenho um amigo no Funchal,  
Nobre e leal português,  
Que a miúdo vem visitar-me  
E a quem escrevo muita vez.

Mando-lhe os versos, que faço  
Nos meus serões, à lareira,  
E êle remete-me, em troca,  
Loiro vinho da Madeira.

Nesta permuta amistosa  
É êle quem dá melhor :  
Os meus versos são palavras,  
Seu vinho, luz e calor !

Tendo eu estado um certo tempo  
Sem lhe mandar nada meu,  
O meu velho e caro amigo  
Nestes têrmos me escreveu :

« Do coração lhe desejo  
« Saúde paz e venturas ;  
« Seus versos são luminosos,  
« E olhe que eu estou às escuras ! »

Pelo primeiro paquete,  
Respondí com mão ligeira :  
« Se não tenho feito versos,  
« É que acabou o Madeira.

« Se os meus versos têm luz,  
« E essa luz lhe dá deleite,  
« Mande-me em breve mais vinho :  
« Boa luz quer muito azeite ! »

## O LUAR NAS ÁGUAS DO RIO

Nas águas negras do rio  
Bate o luar de Janeiro :  
Nascem luzinhas na água,  
Num ferver de formigueiro.

Nascem nas águas montinhos  
De pó d'oiro, luzidio,  
Como se um caruncho d'oiro  
Tivesse dado no rio.

Parece que um anjo doido,  
Sôbre a água pasmadinha,  
Anda a esfolhar os diamantes  
Da c'rôa duma rainha.

Tal ferver de luz acorda  
As aves adormecidas,  
Que, despertando, supõem  
Voltar d'outras altas vidas.

De ramo em ramo saltando,  
Uma à outra se interpela :  
— « Que fogo incendeia o rio ? »  
— « Que forja será aquela ? »

Volve um tôrdo rechonchudo  
Para os outros passarinhos :  
— « Cafu do céu uma estrêla,  
« E partiu-se aos bocadinhos... »

— « Mentas, tôrdo! » um pardal diz

Com real severidade :

« Tu dormias, nada viste,

« Eu é que sei a verdade.

« Eu, que tenho o sono leve,

« Acordei há meia hora,

« Vendo com olhos de espanto

« A Virgem Nossa Senhora.

« Nossa Senhora viera,

« Por trilhos de benta luz,

« Fazer compras para a ceia

« De São José e Jesus ;

« Mas ao voltar ao presépio,

« Por sôbre as águas do rio,

« Apesar de Mãe de Deus,

« Escorregou e . . . café !

« Um braço erguendo na quéda,  
« Salvou a infusa com leite,  
« Mas quebrou em mil pedaços  
« A outra, de loiro azeite.

« É pois azeite entornado  
« O oiro que na água luz,  
« Chorando por não doirar  
« O caldinho de Jesus... »



## A ESCADA DA VIDA

*Ao Dr. J. M. de Queiroz Veloso.*

Encontrou-se a Caridade  
Com o Orgulho, certo dia :  
Subia o Orgulho uma escada,  
E a Caridade descia.

Ela humilde, êle arrogante,  
No patamar dessa escada,  
Os dois, cruzando-se, viram  
Uma rosinha pisada.

Emproado, o Orgulho, vendo-a,  
Deu-lhe nova pisadela ;  
De joelhos, a Caridade  
Deitou-se aos beijos a ela.

Mas nobres passos se ouviram  
De som divino e tremendo :  
O Orgulho seguiu subindo  
E a Caridade descendo...

E a voz de Deus entretanto  
Disse, bramando e sorrindo :  
— « Tu, que sobes, vais descendo !  
« Tu, que desces, vais subindo ! »

## O RELÓGIO DE SOL

Tenho um relógio de sol,  
Que me deu minha madrinha,  
Onde as horas são marcadas  
Pela sombra duma linha.

Consultava-o raras vezes,  
Pensando, em tristonhos dias,  
Que horas medidas por sombras  
Devem ser horas sombrias.

Mas desde que nos amamos,  
Meu amor e meu regalo,  
De manhã até à noite  
Passo a vida a consultá-lo.

Nêle vi, de luz coroadado  
E com ásas no desejo,  
Quantas horas eram quando  
Me déste o primeiro beijo.

Naquele momento, a sombra  
Marcava ao certo meio-dia,  
E por marcar tal momento,  
Sendo negra, refulgia.

Nêle vi que horas eram  
Quando, amor, te foste embora ;  
Dessa vez, sim, era negra  
E triste a sombra da hora...

Nêle vejo, alegre ou triste,  
Alegrias e pesares,  
Ha quantas horas partiste,  
Quantas faltam p'ra voltares...

Tem o relógio uma bússola,  
Bem fiel à paixão sua,  
Sempre virada p'ra o norte,  
Como a minh'alma p'ra a tua.

Por mais voltas que lhe dê,  
Não a demôvo d'ali :  
Olha sempre para o norte,  
Como eu sempre para ti.

Sendo relógio de sol,  
Quando é noite não trabalha ;  
Mas à noite estás tu longe,  
E eu a arder numa fornalha.

Para medir horas tais  
Fôra mister que existisse  
Um relógio, que, em vez de horas,  
Longos séculos medisse.

## A BILHA DE ESTREMOZ

Grácil bilha de Estremôz,  
Que a minha sêde acarinhas,  
No barro vermelho ostentas  
Ornatos d'alvas pedrinhas.

Traz-me êsse barro visitas  
Duns lábios incandescentes,  
E essas pedrinhas, saudades  
Duma alvorada de dentes.

Em vez de a acalmar, excitas  
A chama dos meus desejos :  
Busco juizo ao beijar-te,  
E endoideço a dar-te beijos !



JASMINS D'OIRO, JASMINS  
DE PRATA

Há jasmims de duas côres,  
Os brancos e os amarelos :  
Lembram-me uns certa garganta,  
E os outros certos cabelos...

Uns são d'oiro, outros de prata,  
Metais de oposito valor,  
Mas para mim irmanados  
Na confraria do amor.

Uns de sol, outros de lua,  
Cada um por vencer anseia:  
Doira-me todo o que é d'ouro  
E o de prata me prateia.

Se os amarelos me falam  
Duma trança refulgente,  
Trazem-me os alvos lembranças  
D'alvo dorso rescendente.

Vendo jasmims, oiço estático  
Córos d'altos serafims:  
Flori, flori! jasmineiros,  
Coroai-me de jasmims!

Belos são os jasmims brancos,  
E os amarelos também:  
E no ouro como na prata  
Os rubins vão sempre`bem.

Jasmins de mel ou de leite  
Mostrais um palor exsanguê:  
Que nesse palor palpíte  
Róseo frém:ito de sangue!

Por isso, de fogo ou neve,  
Todos de pel' setinosa,  
Sem ciume, deixai que eu ponha  
Entre vós còrada rosa,

Rosa, que trará notícias  
A esta alma, fazendo-a louca,  
Do róseo florir duns seios,  
Do róseo rir duma boca!

## PRESENTE D'ANOS

Aí vai o meu presente,  
Lindo amor de boca meiga:  
Meia dúzia d'ovos frescos  
E esse nico de manteiga.

Perdoa à minha pobreza  
Mimo tão escasso e vulgar;  
Lavrador de fracas terras,  
Não tenho mais que te dar.

Oferecer-te quisera,  
Com prenda tão desvaliosa,  
Alguma frutinha doce  
E alguma flor bem cheirosa.

Mas desde que nos deixaste,  
Da tua memória escravos,  
Nem os pomares dão pomos,  
Nem os craveiros dão cravos...

Desde que te foste embora,  
Por estes campos maninhos,  
Fruta, só há limões verdes,  
E flor's, só cardos com espinhos!

Quis enviar-te uma rôla,  
D'além, dos choupos do rio:  
Passei lá a noite toda...  
Só vi um mocho sombrio!

Sem outras flor's, aí te mando  
Estes versos, minha vida,  
Versos humildes da serra,  
Arrancas d'urze florida.

## DESILUSÃO

Disseste-me que virias,  
E eu, a cantar, com presteza  
Desfolhei rosas na escada,  
Pus mais um talher na mesa.

Pobrezinho, destinei-te  
Quanto de mais rico tenho :  
No teu lugar, garfo d'oiro,  
E no meu, garfo de estanho.

E faltaste! As lindas trutas,  
Que eu aqui tinha, de prata,  
Nem me atrevi a comê-las,  
Deitei-as à minha gata.



## PRIMEIRO AMOR

Desenhei o teu retrato  
Na minh'alma, em terno anseio.  
Ficou lindo! Mas um dia,  
Não sei porquê . . . apaguei-o!

Apaguei-o . . . não! tentei  
Sumi-lo, cansando os braços;  
Mas, por mais voltas que dêsse.  
Lá estavam sempre os seus traços!

Sôbre êsses traços delidos,  
Para os apagar de vez,  
Amando Inês, em seguida,  
Fiz o retrato de Inês.

Mas esta só breves dias  
Meu coração aqueceu:  
O seu retrato esvaiu-se:  
Por baixo lá estava o teu!

Na minh'alma dolorida,  
A arder em febre amorosa,  
Desenhei depois as caras  
De Júlia, Gracinda e Rosa.

Cada um dêsses retratos  
Durava curtos instantes:  
Como a água, era a minh'alma,  
Retratando os caminhantes.

Quantos rostos, uns sôbre outros,  
Desenhei ali, à pressa!  
Sob êles sorria sempre  
A tua airosa cabeça!

Dos outros ficaram manchas,  
Nevoeiros leves e baços...  
Porém, do teu, indeléveis,  
Subsistem, finos, os traços.

Os outros, fantasmas d'aves,  
Voando, doidas, sem rumo,  
Duraram breves momentos,  
Foram traçados com fumo...

Porém o teu, neste peito,  
Perdura, nítido e nobre,  
Como gravura a buril  
Numa lâmina de cobre!

## ABUNDANCIA D'AMOR

Andarejo me chamaste,  
Volúvel do coração :  
Não me crimines, escuta,  
Do que fiz eis a razão.

O amor, com que fui provido,  
Para seis homens chegava :  
Se o dêsse a uma mulher só,  
Pobre mulher, rebentava !

Por tal motivo, e seguindo  
Dôces leis de caridade,  
Parti êsse amor em dois,  
E guardei uma metade.

Co'a outra metade, a livre,  
Aos bocados dividida,  
Comprei risos, comprei beijos  
E alegrei a minha vida.

Mas . . . acabada a moeda,  
Todo o gôzo feneceu . . .  
Depois de doirados dias,  
Veiu a noite . . . escureceu . . .

Foi então que te encontrei  
Na rua da F'licidade:  
Fui ao cofre, e tirei dêle  
Do amor a outra metade.

Aí a tens inteirinha  
Nas alvas mãozinhas tuas:  
É metade ... mas tão grande  
Que ainda dava para duas.

## OS ROMEIROS

Os meus beijos são romeiros  
Duma eterna romaria,  
Romeiros que nunca dormem,  
Que andam de noite e dia.

Desde a prata dêsses pés  
Ao oiro dessa cabeça,  
P'los caminhos do teu corpo  
Marcham com fé mas sem pressa.

Sem alforge e sem cabaça,  
Riem livres de pesares,  
Bebendo em límpidas fontes,  
Comendo em belos pomares.

Quanto mais andam, mais sentem  
Miraculosos assombros:  
Colhem rosas nos teus seios  
E açucenas nos teus ombros.

Assim, c'roados de flores,  
Miram-se nas tuas veias,  
Rios azuis que deslisam  
Entre prateadas areias.

Por atalhos rescendentes,  
Por claras lombas e oiteiros,  
Á capelinha do monte  
Chegam por fim os romeiros.



A capela é essa boca,  
Que eu por outra nunca deixo,  
Com a sua porta aberta  
No terraço dêsse queixo.

Capelinha de novena,  
Por mil rosas adornada,  
Toda ela forradinha  
De fina seda encarnada.

Cantam em côro lá dentro  
Com voz d'oiro os serafins,  
E, entre as rosas, os teus dentes  
São grinaldas de jasmims.

Por cima da capelinha,  
Onde é permanente a festa,  
Há uma torre de prata,  
A torre da tua testa.

Nessa torre, mal os beijos  
Na capela entrado tem,  
Repicam logo dois sinos,  
Que são teus olhos, meu bem !

Os meus beijos são romeiros  
Duma eterna romaria,  
Romeiros que nunca dormem,  
Que andam de noite e de dia.

Os meus beijos vão descalços,  
Mas, descalços como vão,  
Pisam tapetes, que os anjos,  
Cantando, estendem no chão . . .

## PRESUMIDA

Quando, pela vez primeira,  
Te avistei no meu caminho,  
Leavas, qual grega estátua,  
Simples túnica de linho.

Sorrindo, olhaste p'ra trás,  
Lá no extremo da alameda...  
Momentos depois voltavas  
Toda vestida de seda.

No dia seguinte, ao vêr-te,  
Fiquei atónito e mudo :  
Eras como uma rainha  
No teu manto de veludo !

Perdias trabalho e tempo  
Com rendas, fitas e fólhos :  
Não eram teus atavios  
Que enfeitiçavam meus olhos !

Qualquer que fôsse o teu traje,  
Eu sempre te achava linda,  
Mas suspirando p'la hora  
De te ver mais linda ainda !

Tal hora chegou enfim,  
Doirando a minha impaciência :  
Foi quando a mim te entregaste  
Vestida só de inocência !

Então, sim! é que eras linda!  
Tão rica de encantos tais,  
Que nêles pregando a vista  
Fiquei cego para o mais!

PEQUENA CHAVE, QUE  
PESA MUITO

Fechou esta chave um dia  
Dum filho meu o caixão,  
Fechando a minha alegria  
Dentro do seu coração.

INSCRIÇÃO PARA O VESTÍBULO  
DUMA CASA DE CAMPO

Sê bemvindo nesta casa,  
Se és de-véras meu amigo :  
Entra, abraça-me, descansa,  
Senta-te à mesa comigo.

INSCRIÇÃO PARA A SEPULTURA  
DUM MANCEBO

Morriam por êle os Pais  
Nos dias em que viveu,  
E nêle vivem aos ais  
Desde o dia em que morreu . . .



CEGUEIRA DOCE  
E AMOR CONSTANTE

A fazer versos e a lê-los,  
Pôs-se-me a vista cansada ;  
Vejo ao longe como os lincês,  
Mas ao pé não vejo nada.

A vista da minha alma  
A mesma fraqueira sente,  
Vejo bem, se ólho o passado,  
Cego sou, se ólho o presente.

Por isso, aos olhos do amor,  
Que neste coração mora,  
Vejo-te como tu eras,  
Não como tu és agora.

Com os anos desmaia a pele,  
Branqueia a doirada trança ;  
Mas o amor, se é verdadeiro,  
Só em crescer faz mudança.

Assim, co'a alma e com os olhos,  
Vencendo o tempo que foge,  
Vejo-te como eras dantes  
Sem q'rer saber como és hoje.

Se estás velhinha, se o vento  
Tuas fôlhas faz cair,  
O viço p'ra mim conservas  
Dum botão de rosa a abrir.

Cego ao perto, vejo ao longe,  
Mas, cego, com alegria,  
Amo-te como te amava,  
Vendo-te como te via.

## O MEU ANEL

*Ao meu parente e amigo José de Azevedo  
e Menezes Cardoso Barreto, Senhor  
da casa do Vinhal.*

Dois rubis, três esmeraldas  
E dois líquidos diamantes  
Fulguram no meu anel  
Como sete astros radiantes.

Nessas três castas de pedras  
Despiçadas de beleza,  
Três fôrças minhas se espelham :  
Amor, esp'rança e firmeza.

Nos rubis vê-se o meu sangue  
Rico de luz e de côr,  
Azeite dum coração,  
Que arde com chamas de amor.

Nos diamantes, que são duros,  
Mas que luzem como o orvalho,  
Vive pintada a firmeza  
Com a qual amo e trabalho.

E nas esmeraldas verdes  
Ri com riso esmeraldino  
A verde esp'rança que eu ponho  
Dos meus versos no destino !

Tão lindas pedras scintilam  
Num aro d'ouro, preciosas ;  
E nesse aro a mão dum ourives  
Burilou folhas e rosas.

Velha joia, minha amiga,  
Que tão bem me quer e enfeita,  
Trago-a, há já mais de trinta anos,  
No anular da mão direita.

Com êle na mão, em novo,  
Mais duma taça esvaziei,  
Mais duma rosa colhi,  
Mais duma espádua afaguei.

Companheiro da minh'alma,  
Segue-a sempre no seu vôo :  
Com êle na mão dou esmola,  
Faço versos e abençoô.

Se acaso a mão se me fecha  
Com egoísmo ou com ira,  
Embaciam-se-lhe as pedras  
E parece que suspira . . .

Mas se faço um lindo verso  
Ou uma mais linda acção,  
Rompe em cánticos de luz,  
Não é jóia, é coração !

Velho anel, bom companheiro,  
Sempre a luzir nestes dedos,  
Sabe toda a minha vida,  
Faz a cama aos meus segredos.

Tinha-o na mão, quando um dia  
Vi a minha noiva bela ;  
E as pedras dêle sorriam  
Às pedras dos aneis dela.

Com êle na mão, casei  
Em linda manhã de maio :  
Ao ver a noiva, de branco,  
Quase que teve um desmaio !

Tinha-o no dedo também  
( E até mostrava mais brilho ! ),  
Quando pela vez primeira  
Peguei no primeiro filho.

E com êle neste dedo,  
A desmaiar de paixão,  
Do filho que me morreu  
Fechei um dia o caixão.

Meu velho anel, quando, emfim  
Desta mão tirado fôres,  
Dirás que, se eu não fui santo,  
Muitos há que são piores !



COM A MÃO  
NA CONSCIÊNCIA

Do povo a Sabedoria  
Tem rifões que são espelhos  
Onde, p'ra aviso dos novos,  
Luz o juízo dos velhos.

Diz-nos um dêsses rifões,  
Em palavras judiciosas,  
Que ninguém deve ir da vida  
Sem ter cumprido três cousas :

Deve plantar uma árvore,  
O homem, nos seus terrenos ;  
Um livro escrever ; e emfim  
Deixar um filho p'lo menos.

Esses preceitos antigos,  
Cumprí-los procurei eu :  
Filhos, tive meia-duzia,  
Vivos, cinco, e o que morreu ...

Quanto a árvores, comprando  
Certo dia umas courelas,  
Plantei lá vinte oliveiras :  
Já bebi azeite delas !

Pelo que aos livros respeita,  
São até em demasia :  
Em vez dum livro sómente,  
Cá deixo uma livraria.

Conforme Deus foi servido,  
Fui cumprindo os meus deveres ;  
Tenho a consciência em paz . . .  
Morte, vem quando quiseres !



## ÍNDICE

---

	Pág.
O cravo de papel. . . . .	13
Triste história duma rosa. . . . .	17
O suão. . . . .	21
Na cabeça da comarca. . . . .	27
Missa das almas . . . . .	31
O entêrro de Inês de Castro. . . . .	35
Chocalhos, às Ave-Marias. . . . .	39
A Truta . . . . .	41
O coração de filigrana. . . . .	46
Portugal . . . . .	53
Os três chinós de Garrett. . . . .	57
O amolador . . . . .	61
Dia d'ano bom. . . . .	67
Domingo de Páscoa. . . . .	71

As duas casas . . . . .	75
Sombras que passaram. . . . .	79
O velho berço. . . . .	86
O Colégio das Ursulinas . . . . .	88
O espadim do meu avô. . . . .	93
Maria Francisca da Graça. . . . .	98
Entre amigos . . . . .	102
O luar nas águas do rio . . . . .	105
A escada da vida. . . . .	109
O relógio de sol . . . . .	111
A bilha de Extremoz . . . . .	115
Jasmins d'ouro, jasmins de prata . . . . .	117
Presente d'anos . . . . .	120
Desilusão. . . . .	123
Primeiro amor. . . . .	125
Abundância d'amor . . . . .	128
Os romeiros. . . . .	131
Presumida . . . . .	135
Pequena chave, que pesa muito . . . . .	138
Inscrição para o vestibulo duma casa de campo	139
Inscrição para a sepultura dum mancebo . . .	140
Cegueira doce e amor constante . . . . .	141
O meu anel . . . . .	144
Com a mão na consciéncia . . . . .	149

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
ÊSTE LIVRO AOS TRINTA  
DIAS DO MÊS DE NOVEM-  
BRO DE MIL NOVECEN-  
TOS E VINTE E DOIS NA  
TIPOGRAFIA DA «LVMEN»,  
EMPRESA INTERNACIONAL  
EDITORIA, SITA À RUA DE  
FERREIRA BORGES, NÚMERO  
CENTO E TRÊS, NA CIDADE  
DE COIMBRA.











